

PARA LER O CONTO GAÚCHO E MUITO MAIS

Rildo Cosson - UFPEL/FAPERGS

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, 253p.

MATRAGA 13, 2000

Não é apenas por suas relações de identidade com parte da literatura do Uruguai e da Argentina, nem mesmo pela excelência de seus autores e a fidelidade de seus leitores, responsáveis pela sua permanência ao longo do tempo, que o sistema literário gaúcho se constitui como uma singularidade dentro da literatura brasileira. Há também uma crítica constante a construir e a afirmar essa individualidade da literatura produzida no sul do Brasil. É isso que se pode observar nos livros *História da Literária do Rio Grande do Sul* (1924), de João Pinto da Silva, na *História da Literatura do Rio Grande do Sul* (1956), de Guilhermino César, *A Literatura do Rio Grande do Sul* (1980), de Regina Zilberman, e *A Literatura no Rio Grande do Sul* (1985), de Luiz Marobin, entre vários e muitos outros que se debruçam sobre autores, obras e temáticas gaúchas.

Pelo seu título - *O Conto Sul-Rio-Grandense – Tradição e modernidade*, Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999, o livro de Gilda Bittencourt parece se inserir nessa tradição crítica dedicada a ler a produção literária gaúcha. De fato, o estudo pretende preencher uma lacuna na crítica gaúcha no que diz respeito ao conto. Mas não é só isso. À medida que se avança na leitura do livro, percebe-se que o conto gaúcho é apenas uma das várias possibilidades de entrada no texto. Ao lado do interesse regional, podemos encontrar também uma leitura da geração de 70, época em que o conto explodiu no Brasil inteiro como gênero fundamental de expressão literária; uma leitura das teorias do conto, começando no mestre Edgar Allan Poe e avançando até recentes contribuições de críticos e escritores, com destaque para os latino-americanos; e uma leitura das questões técnicas da arte de narrar que culmina na solução engenhosa da “consciência narrativa”.

É essa variedade de abordagens que coloca o livro de Gilda Bittencourt em uma posição diferenciada em relação à tradição crítica gaúcha. Mais que ler os traços individualizadores da contística regional, Bittencourt propõe, através de seu *corpus* de contos gaúchos, discutir questões teóricas relacionadas ao conto enquanto gênero, assim também como as relações históricas que perpassam toda a literatura brasileira, a saber os caminhos temáticos e formais

trilhados pelos escritores dos anos 70 enquanto críticos de um sistema sócio-econômico que opera pela violência e a massificação do homem.

No caso específico da teoria do conto, que é um dos dois eixos dominantes do livro, temos na terceira parte - "O Conto Sul-Rio-Grandense e as suas Relações com o Gênero" - uma síntese das principais reflexões sobre o conto como gênero. É assim que se debate os limites entre o popular e o artístico, as relações entre conto e jornal, as fórmulas narrativas, a importância da história e do enredo e os modelos de contos, entre outros aspectos. Na quarta parte - "Narração e Representação Literária" - temos a contribuição da autora para a questão por meio da noção de "consciência narrativa".

Não se pense, porém, que essa característica de transcender o limite regional ou de fazer do regional o ponto de partida para discussões mais amplas sobre a teoria do conto fez com que a autora se descuidasse das questões do conto gaúcho. Numa abordagem histórica, que se constitui no segundo eixo de sustentação do livro, temos na primeira parte - "Regionalismo, Transição e Modernidade" - uma leitura da evolução do conto sul-rio-grandense, desde a sua origem como parte do regionalismo, até a adoção de uma temática urbana que se tornará dominante a partir dos anos 70. Em seguida, na segunda parte - "Principais Vertentes Temáticas" - a autora procura explicar a inserção da geração dos anos 70 na literatura gaúcha e brasileira, ao mesmo tempo que propõe uma classificação temática para a contística gaúcha em quatro vertentes: social, existencial-intimista, memorialista ou da reminiscência infantil e regionalista.

É claro que com essa proposta de abarcar pontos bem diferenciados, como a história do conto gaúcho e reflexões sobre a teoria do conto, o livro adquire características que ora são do ensaio, ora são do tratado. A oscilação entre um e outro modelo de escrita não se constitui em problema na construção do texto, que é absolutamente coeso, ou mesmo em falha na argumentação, que é muito bem articulada, mas deixa a sensação de que em alguns momentos haveria muito mais a ser dito e que a economia do texto não permitiu que a autora se estendesse. Tome-se como exemplo a posição do conto dentro do sistema literário. Porta de entrada para o mundo literário no caso de muitos escritores, o gênero conto pode ser visto como um primeiro passo em direção a textos mais complexos, como o romance, ou como uma arte extremamente delicada, apenas aparentemente fácil, o que leva os escritores a abandoná-lo após as primeiras tentativas. Essa é uma discussão que merece mais atenção porque envolve não apenas o que os escritores pensam sobre o conto, mas também o próprio funcionamento do sistema literário como um todo, que coloca alguns gêneros no centro e outros na periferia. A própria história do conto, que o faz passar do popular para o erudito, pode não passar de um operação ideológica destinada a dar ao gênero uma longa e honorável história; afinal, há uma linha de continuidade verdadeira entre os relatos populares e o conto chamado artístico? São questões como essas que o livro de Gilda Bittencourt aborda quando trata da teoria do conto e que se gostaria de ver discutidas com mais vagar. A autora está, a partir de agora, devendo dois novos livros a seus leitores: um sobre a teoria do conto, outro

sobre a história do conto gaúcho. Este *O Conto Sul-Rio-Grandense – Tradição e Modernidade* é o quadro geral e necessário de onde estes dois novos estudos, mais específicos, serão certamente erguidos.